

Hospital de Base ameaça parar

César Henrique Arrais
e Maria Vitória

Da equipe do **Correio**

O setor de cirurgia cardíaca do Hospital de Base do Distrito Federal (HBDF) está trabalhando no limite. Faltam profissionais, equipamentos, remédios e muitos médicos têm que comprar material cirúrgico do próprio bolso para realizar as operações. A equipe do setor vai se reunir com a direção do hospital na próxima segunda-feira para apresentar uma série de reivindicações — ainda não divulgadas — imprescindíveis para a continuidade das cirurgias cardíacas.

Segundo foi apurado pelo **Correio**, as cirurgias eletivas, aquelas que não são de emergência, poderão ser suspensas na próxima semana caso os pedidos dos cardiologistas não sejam atendidos. Um médico do setor explicou que, dependendo do caso todo tipo de procedimento de cirurgia cardíaca pode ser emergencial ou eletivo. Procedimentos como pontes de safena, na maioria das vezes, devem ser atendidos prontamente. Outros, como revascularização do miocárdio ou retirada de aneurismas na aorta, po-

dem esperar algum tempo. Na Unidade de Cardiologia, cerca de 60 pacientes estão internados à espera de uma operação. As marcadas para ontem já foram suspensas, mas, de acordo com funcionários do hospital, foi por falta de vaga na Unidade de Terapia Avançada (UTI).

Os cardiologistas do Hospital de Base se encontraram ontem com o promotor Jairo Bisol, da Promotoria dos Usuários dos Serviços de Saúde (ProSus), e com o médico Geraldo Oliveira, fiscal do Conselho Regional de Medicina do DF (CRM-DF). "Eles nos contaram que os pacientes correm risco de vida devido a falta de material e medicamentos na hora das cirurgias", conta Bisol. Segundo ele, a Unidade de Cardiologia não possui próteses para o implante de válvulas cardíacas e anticoagulantes, um tipo de medicamento fundamental durante as cirurgias de coração.

Um cardiologista, que pediu para não ser identificado, disse que a falta de remédios e de material cirúrgico ocorre há vários meses. "É uma soma de problemas que nos impossibilita de dar o melhor atendimento, de trabalhar com total segurança. Esta-

Acácio Pinheiro 30.04.02



FISCALIZAÇÃO DO MINISTÉRIO PÚBLICO E DO CRM-DF VERIFICARAM A FALTA DE REMÉDIOS NAS FARMÁCIAS PÚBLICAS

mos sem alternativa", enfatiza.

A diretoria do HBDF está ciente da precariedade do setor de cirurgia cardíaca e pretende a reverter a situação. "Tem que haver uma solução. Em hipótese alguma a direção do hospital

permitirá a interrupção das atividades cardíacas", afirma Antônio Carlos Morethzon, diretor-interino da instituição. Ele, assim como os profissionais do setor, deixa claro que as cirurgias de emergência não serão

suspensas em momento algum. "É contra a ética médica", ressalta Morethzon.

Para o presidente do CRM-DF, Luis Salinas, os cardiologistas do Hospital de Base superam seus próprios limites para conseguir

trabalhar. "Se eles suspenderem as cirurgias, será por proteção, para não serem processados por negligência ou imperícia médica", afirma Salinas. Segundo ele, o Código de Ética Médica prevê a suspensão de consultas e de cirurgias por falta de condições de trabalho. O presidente do CRM-DF explicou ainda que as cirurgias de emergências, como no caso de infartos, não podem ser paralisadas, "Neste caso é omissão de socorro, pois o paciente pode morrer", esclarece.

SEM REMÉDIO

Os brasileiros também continuam sem medicamentos essenciais ou de alto custo. O promotor Jairo Bisol e o fiscal do CRM-DF fizeram ontem uma nova visita à Farmácia Central da Secretaria de Saúde e encontraram as prateleiras vazias. A primeira inspeção foi realizada em maio. "Novamente verificamos que a Secretaria de Saúde não tem recursos para regularizar o abastecimento de remédios", disse o promotor. Ele agora estuda uma medida judicial para resolver o problema: "Poderemos processar o governo local por improbidade administrativa", garante Bisol.